

## Cristo vida da minha vida

### 1. “*Fez e ensinou*”

Começamos com essas duas perguntas: que é Deus para o homem e como fazemos para conhecê-lo da forma que dizemos conhecê-lo?

A primeira resposta é ontológica, ou seja, parte da realidade como ela é, da realidade de Deus como é, daquilo que é Deus, para nos sugerir, para encontrar a sugestão de como nos comportarmos com este Deus. Ora, como podemos conhecê-lo de maneira tal que a realidade de Deus assuma um significado ético para nós, indique-nos como nos comportarmos, o comportamento que devemos ter diante d’Ele?

O ponto de partida é ontológico, parte da realidade como ela é. Para o homem, Deus é tudo! E o ser, ou seja, aquilo que “é”, é Deus, porque “Deus é tudo”, todo o ser. Fora de Deus existe o nada, não outra coisa, não alguma coisa diferente.

Então, o homem só reconhece realmente o que Deus é se, em tudo o que faz, pede a Deus para ser, e se toda ação é pedido a Deus para ser, ou seja, pedido de felicidade (cada um tem uma meta em que será finalmente e totalmente si mesmo). Toda ação é pedido a Deus para ser, ou seja, é oração, porque toda ação do eu, como fenômeno pelo qual se torna verdadeira a existência do ser criado, é tentativa de afirmar a própria realização plena. “Vós [cristãos] – dizia Péguy –, tocais a Deus em toda parte”<sup>1</sup>. O que quer que toquemos, qualquer que seja a coisa com a qual entramos em relação, nós buscamos a nossa realização plena. Por isso, toda consciência da ação, quando se realiza a ação, toda consciência, quando se tem consciência da ação, é pedido para ser, é pedido ao Ser para ser, pedido ao Ser por parte do ser participado para ser, para existir sempre, por tudo o que recebeu, por tudo o que é.

A segunda resposta extrai da descoberta ontológica – Deus é tudo e o homem é o ser participado, é uma comunicação de Si que o Ser faz como Mistério – uma questão de consciência ética, ou seja, de comportamento. Com efeito, se Deus é tudo (não se podem usar outras palavras), se Deus para o homem é tudo e aparece à razão como a fonte do ser, mas o homem não compreende, não se lembra disso, não compreende e não se lembra, é como se Deus não existisse. Para a maior parte de nós, todo dia que passa é um pouco repleto deste, digamos, pecado. Onde o termo “pecado” é preciso, e tem dentro de si não a bonomia, mas a melancolia de quando entre nós se diz: “Olha, aquele ali fez assim e assado: que pecado, perdeu o bom senso!”. “Não foi reconhecido: que pecado!”.

Como podemos conhecê-lo assim? Como podemos conhecer com certeza e clareza que Ele é tudo, e que por causa disso o homem não pode agir a não ser pedindo o que já obteve d’Ele: o ser, a participação no ser, o ser criado, ou seja, ser participado?

Como podemos conhecê-lo? Bem, é preciso tomar consciência dele. A consciência diz respeito antes de mais nada à força cognoscitiva do homem, do homem razoável. A razão é consciência da realidade segundo a totalidade dos seus fatores. Por isso, tomar consciência de uma coisa significa descobrir a coisa segundo a sua totalidade. No nosso caso, o objeto de que estamos falando, o objeto que me interessa, o objeto que está no centro da discussão é Deus: como o homem concebe Deus e como Deus aparece, deve aparecer ao homem.

Assim, a razão, dando-se conta de que Deus é a fonte de tudo, de que o Mistério está na origem de tudo, tende também a descobrir como comportar-se com Deus, como tratar Deus, e por isso, a descobrir os itinerários que têm como consequência as leis morais.

Mas aqui tivemos de assinalar um salto qualitativo realmente enigmático. O Mistério, fonte e destino de toda a realidade criada, quis que houvesse um homem nascido de uma mulher, que fez o caminho do humano como todo homem, o homem Jesus de Nazaré, e, querendo comunicar-se aos homens através deste homem, o Mistério fez seu este homem desde o primeiro instante da sua concepção, assumindo misteriosamente o eu deste homem no eu do Verbo, na segunda pessoa da

---

<sup>1</sup> Péguy, C. *Veronica. Dialogo della storia con l’anima carnale*. Ed. Milella, Lecce, 1994, p. 220.

Santíssima Trindade, tornando-o, portanto, diretamente partícipe da natureza de Deus: supremo mistério na história do homem e do cosmo. Por isto Jesus de Nazaré é Jesus chamado o Cristo.

Ver, escutar e seguir este homem é toda a fonte da moral cristã, pois este Mistério quis o homem Jesus para que fosse antes de mais nada instrumento de ensinamento a todos os homens – do sumo ensinamento da vida, que é o ensinamento sobre Deus –, o único Mestre (“Não permitais que vos chamem ‘Rabi’, pois um só é o vosso Mestre e todos vós sois irmãos”<sup>2</sup>), e, portanto, exemplo daquilo que dizia magistralmente, do que comunicava como ensino, exemplo do que fazia: fez e ensinou. O Senhor Jesus fez e ensinou.

Falando de Deus, a pessoa só pode ensinar aquilo que a pré-ocupou, que ocupou a sua alma, toda a sua alma, antes.

A coisa mais sublime de uma atitude moral, como a que Cristo nos ensina, é que toda ação como relacionamento com Deus, com Jesus, com a humanidade do indivíduo e da sociedade, é amizade. Toda ação como relacionamento com Deus, com Jesus, com a humanidade do indivíduo e da sociedade, toda relação humana ou é amizade ou lhe falta algo, é deficiente ou mentirosa.

Por isto, o homem Jesus disse: “Pai, se é possível, que eu não morra assim! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!”<sup>3</sup>. E, assim, foi mestre e docente, professor para todos os homens, passando através da sua morte, aceitando a morte pelos homens. “O qual me amou e deu a si mesmo por mim”, dizia São Paulo<sup>4</sup>.

Todo relacionamento é amizade enquanto é um dom, representa um dom ou tem a possibilidade de sê-lo, um dom que nos chega de Deus, ou de Cristo, ou da Igreja, ou da história do homem: a amizade é um dom que nós hospedamos. Tudo o que nos dá Deus, Cristo ou a Igreja, ou a história do homem como comunicabilidade a todos os homens, para todos os homens, é um dom que nós hospedamos, aceitamos. E aceitar e hospedar este dom torna recíproco o amor que aquele que doou possui, demonstra: aceitá-lo é o amor que nós demonstramos àquele que nos deu o dom. Neste sentido, a amizade é uma reciprocidade de dom, de amor, pois a forma suprema do amor para um ser criado, como o homem, a forma suprema do amor a Deus é aceitar ser feito por Deus, aceitar ser, aceitar o ser que não é seu: é dado.

## 2. *Um Acontecimento presente*

*A presença de Jesus Cristo*, que é de todos os dias e de todas as horas na vida do batizado, de quem foi escolhido por Ele mesmo, nas mãos do qual o Pai colocou todos os homens, é um *Acontecimento*. Essa é para toda a humanidade, pois o batizado é aquele que é escolhido como ponto de passagem e de comunicação do que Deus oferece ao homem, do dom de Si que faz ao homem, a toda a humanidade. Pensem, por exemplo, neste pormenor: se eu fui batizado é porque a força que me transformou no Batismo, a força do Mistério que me transformou no Batismo, queria passar, através de mim, por tantos itinerários e ocasiões, para outros. Esta é a ontologia do nosso relacionamento novo com tudo: o relacionamento entre o batizado e todos os homens brota deste fim que o Mistério nos comunicou no Batismo. E o Mistério começou a fazer-nos conhecer a energia que nos deu no Batismo e o objetivo que tinha ao escolher-nos e ao batizar-nos. Daqui brota a ética, o comportamento a ser seguido, que eu devo seguir quando tomo consciência do meu Batismo, que não pode ser um esquecimento em nenhuma ação; em nenhum dia e em nenhuma hora o homem tem direito a um esquecimento desta escolha. É o objetivo desta escolha que atravessa todo o orgânico do fenômeno humano, do gesto humano, do empenho do homem, atravessa-o todo para chegar a um objetivo que o supera por todos os lados. Neste sentido, sempre dissemos que o instante tem um valor eterno, é a relação com o Infinito vivida, como a maior ação, a maior epopeia, a maior história.

Portanto, *a presença de Jesus Cristo é um Acontecimento*, e, de acordo com a sensibilidade (e grande convicção!) que nos dá o carisma que nos foi doado, é um Acontecimento que se encontra

---

<sup>2</sup> Mt 23, 8.

<sup>3</sup> Cf. Lc 22, 42.

<sup>4</sup> Cf. Ef 5, 2.

no presente, no agora, na circunstância, que dilatam a evidência de uma companhia vocacional como emergência do mistério da Igreja, corpo misterioso de Cristo.

Sobrenatural – dissemos isto tantas vezes – é uma realidade humana na qual está presente o mistério de Cristo, é uma realidade natural – no sentido de que se demonstra e se especifica com um rosto humano – na qual está presente o mistério de Cristo. É a Igreja que vem à tona ao meu lado, que veio à tona ao meu lado naquelas circunstâncias, com meu pai e minha mãe, depois quando fui para o seminário, depois quando comecei a encontrar pessoas que se tornavam atentas a mim e minhas amigas porque eu dizia certas coisas e, finalmente, quando fui como que encaixado em uma companhia que tornava imediato para mim e que torna imediato para mim o mistério da Igreja; portanto é uma emergência do corpo de Cristo. É a companhia que se chama “vocacional”, ou seja, a companhia que nos envolve com ela, na medida em que gera a experiência e é gerada pela experiência em que o carisma me tocou.

Dizia Santo Agostinho: “In manibus nostris sunt codices, in oculis nostris facta”<sup>5</sup>. “In manibus nostris sunt codices”, os Evangelhos que podemos ler, a Bíblia que podemos ler... mas não basta, aliás, não saberíamos como lê-los, sem a outra cláusula, “in oculis nostris facta”: a presença de Jesus é alimentada, confortada, demonstrada pela leitura dos Evangelhos e da Bíblia, mas é assegurada, torna-se evidente, torna-se evidente a presença de Cristo entre nós através de um fato, através de fatos como presenças. Em toda a vida de todas as pessoas existe um fato que teve significado, uma presença que influenciou por toda a vida, que tende a influir sobre toda a vida: iluminou o modo de conceber, de sentir e de fazer. E isto se chama acontecimento. Aquilo em que fomos introduzidos continua realmente vivo, realiza-se todos os dias; por isso, todos os dias nós tomamos consciência, temos de tomar consciência do acontecimento como nos aconteceu, do encontro que fizemos.

Concluo esta confiança, esta confidencial indicação das minhas preocupações, dos meus pontos de preocupação, dizendo: Cristo, este é o nome que indica e define uma realidade que encontrei na minha vida. Encontrei: ouvi falar dela primeiramente quando era pequeno, depois quando jovem, etc... Podemos nos tornar adultos e esta palavra é conhecida por todos, mas para muitas pessoas não é algo encontrado, não é realmente experimentado como presente; ao passo que Cristo se deparou com a minha vida, a minha vida se deparou com Cristo justamente para que eu aprendesse a entender como Ele é o ponto nevrálgico de tudo, de toda a minha vida. *Cristo é a vida da minha vida*. N’Ele se realiza tudo o que eu gostaria, tudo o que eu busco, tudo o que eu sacrifico, tudo o que em mim se desenrola por amor às pessoas com as quais Ele me colocou, ou seja, por amor a vocês. Como dizia Möhler em uma frase que citei tantas vezes: “Eu penso que não poderia mais viver se não o ouvisse mais falar”<sup>6</sup>. Era uma frase que eu havia escrito sob uma imagem com a figura de Cristo de Carracci, quando estava no segundo grau. Talvez uma das frases que mais recordei na minha vida.

Cristo, vida da vida, certeza do destino bom e companhia para a vida cotidiana, companhia familiar e que transforma em bem. Isto representa a eficácia d’Ele na minha vida.

A moral não só parte daqui, mas é aqui que o fio da moralidade se confirma e se salva.

São Pedro não colocou como motivo do seu amor a Cristo o fato de tantos defeitos seus, tantos erros seus, tantas traições suas serem perdoados; ele não fez a lista dos seus erros. Mas quando se encontrou diante de Cristo, depois da Sua ressurreição, naquela vez em que se encontrou face a face com Cristo e Cristo lhe perguntou: “Simão, tu me amas?”, lhe disse: “Sim”.

É a relação com esta palavra, a mais humana e a mais divina, que faz abraçar, na nossa existência cotidiana, tudo. Deve ser cotidiana a memória d’Ele, deve ser cotidiano o ímpeto com o qual Ele se torna familiar, deve se tornar cheia de letícia a companhia com Ele e a memória d’Ele deve nos deixar cheios de letícia, em qualquer circunstância, em qualquer condição, porque ali Ele se encarna: em ti, Senhor, se encarna o bem que o Mistério quer para mim. Certeza de alcançar o destino feliz e esperança diante de todo o andamento da minha vida.

---

<sup>5</sup> Santo Agostinho. “Sermo sancti Augustini cum pagani ingrederentur”. In: *Códice de Magonza*.

<sup>6</sup> Cf. Möhler, A. J. *Dell’unità della Chiesa*. Milão, Tipografia e Libreria Pirotta e C., 1850, p. 52.

“Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo.” Eu digo que se tivesse errado e traído mil vezes em trinta dias, isto permaneceria, tem de permanecer. Parece-me que isto não é uma presunção, mas uma surpreendente, inconcebível e inefável graça, como dizia Michelangelo Buonarroti na frase que citamos no Natal: “Que posso eu, ó Senhor, se não vens a mim/ com a costumeira inefável cortesia?”<sup>7</sup>.

Cristo e o sim a Ele: isto, paradoxalmente – creio que se possa dizer assim –, é o aspecto mais humanamente fácil. Digo, um pouco presunçosamente, um pouco entusiasticamente, que é o aspecto mais fácil ou, de qualquer forma, mais aceitável de todo o dever moral que temos no mundo. Pois Cristo é a palavra que tudo manifesta, e Cristo é um homem que viveu como todos os outros homens há dois mil anos, mas que, ressuscitado da morte, invadido pela potência do Mistério, de cuja natureza já participava, invade-nos dia após dia, hora após hora, ação após ação.

A totalidade da presença e da pretensão do Mistério sobre a nossa vida (“Deus tudo em tudo”) e de Cristo, do Jesus de Nazaré, do jovem homem de Nazaré, Jesus, que é o Mistério feito Cristo, Seu Cristo, a totalidade da única, da grande figura, da imensa figura, do imenso sinal que o Deus, a palavra Deus é no nosso coração e nos nossos lábios, a totalidade desta presença familiar, cotidiana e eficaz, desta companhia tão estranha quanto evidentemente insuperável, esta totalidade explica o tema que exprimimos no início destes Exercícios: “Tu”, devemos dizer “Tu” a Deus e devemos dizer “Tu, ó Cristo” ao homem Jesus de Nazaré.

Tanto o Mistério quanto a Sua presença física na nossa vida, tudo isto é fonte da relação que temos com a verdade e com toda a realidade, e se torna a fonte também daquilo a que chamamos amizade. Não há relacionamento diante de Ti, ó Cristo, quando te encontro pensando em Ti na tua memória, não posso ter nenhum relacionamento humano, de nenhum gênero, com ninguém, sem que o tema, o ideal da amizade seja perseguido. Com efeito, se, da mesma forma como Tu olhavas para todas as pessoas com que falavas ou que te respondiam ou com as quais não houve nenhum diálogo, até com Pilatos, até com os sumos sacerdotes judeus, se, da mesma forma como a relação que Tu tinhas com eles era plena, como demonstrado em toda a Tua paixão, era plena da paixão pelo destino deles, pelo destino das pessoas deles, e esta implicação Te colocava como cheio de amor para com eles, se dessa mesma forma eles tivessem acolhido, tivessem se colocado de acordo, de acordo conTigo, a palavra amizade teria sido a única que poderiam usar para designar o relacionamento conTigo. A palavra amizade é a única que podemos usar para designar o relacionamento entre nós e Ele.

São Máximo, o Confessor, um grande padre da Igreja, dá esta síntese admirável dEle: “Cristo é [...] tudo em todos [quer sejamos bons, quer sejamos maus, quer sejamos distraídos, quer estejamos fora ou dentro], Ele, que tudo reúne em si segundo a potência única, infinita e sapientíssima da sua bondade – como um centro para o qual convergem as linhas [todas as linhas do que foi criado: este é o nascimento ontológico, é o olhar da ontologia do qual toda o nosso comportamento na vida deve nascer] – a fim de que as criaturas do Deus único não permaneçam estranhas e inimigas umas das outras, mas tenham um lugar comum no qual manifestar a sua amizade e a sua paz”<sup>8</sup>.

**Luigi Giussani**

*L'uomo e il suo destino*. Ed. Marietti  
Gênova 1999, pp. 51-60

<sup>7</sup> Buonarroti, M. *Rimas*, 286, vv. 5-6.

<sup>8</sup> São Máximo, o Confessor. *Mistagogia*, I.